

# O DERVICHE

A Bastos Tigre

O alvo arboz ao vento, o areal combusto  
O Derviche o percorre, ardendo em fé,  
Abnegado, piedoso, simples, justo,  
Por amor de Mahomet.

Em toda a parte ele ia derramando  
Esperanças, consolos, alegria.  
O ódio, a lascívia e a gula verberando,  
Tambem, sempre, dizia:

— “Contra o orgulho e a vaidade me consagro.  
Quem amar ao Profeta, não os tenha!  
Um exemplo!” E apontava o corpo magro  
Sob a grossa estamena.

Sempre ele preferia as tendas pobres  
Para pregar à mais humilde gente.  
Xingava os ricos, maldizia os nobres,  
Desassombradamente!

Faminto, vendo um dia um cheiue nédio  
E galante, murmura: — “Sou um beócio!  
A fé nunca do estômago é remédio,  
Jejum não é negócio!”

Chega a uma casa em noite fria e escura.  
Bom era o dono e esplêndida a mulher...  
Vendo conforto e mesa com fartura,  
Dali sair não quer.

Vestindo linho e seda, aparecia,  
Penteada a barba e em ordem as melenas.  
Aos míseros pequenos preferia  
As trêfegas pequenas...

Nunca mais do Alkorão lera um versículo!  
A sua ostentação causava escândalo,  
Faceto, alegre, folgazão, ridículo,  
Cheirando a nardo e sândalo.

Cinco luas passaram e o Derviche  
Em boa mesa e bom colchão se aquieta.  
A errada humanidade que se lixe!  
Bolas para o Profeta!

O dono da mansão, já caceteado,  
Falou-lhe com respeito e em tom amigo:  
— “Meu caro, já me encontro depenado,  
Não fico mais contigo!”

Secaste a adega, é limpo o meu celeiro,  
Dizer-to, bem verdade, como sinto!  
No pasto, nem um boi, nem um carneiro!  
No quintal, nem um pinto!”

— “Pois bem, (disse o malandro) vou-me embora,  
Na minha santa peregrinação.  
Quando vires no céu a doce aurora,  
Desperta-me, ó irmão!”

Não quis dormir o pobre do hospedeiro.  
Contente, à hora marcada, se levanta.  
chama o importuno... e, nisto, no terreiro,  
Bem alto, um galo canta!

Acordou o Derviche, ouvido atento,  
Dizendo: — “Ainda tens galo, irmão? Eu louvo!”  
Virou-se para o canto, pavorrento,  
E foi dormir de novo...

JOÃO BOÊMIO

... para o Recife, onde moramos um sobrado  
que era na rua da Aurora, esquina da Rincão,  
já eu já matriculei-me no “Colégio Pestalozzi”,  
dirigido pelo velho educador dr. Raimundo Honório  
da Silva, pai do sr. doutor Augusto Alvaro, Arcebispo  
Príncipe do Brasil e inspirado poeta.

— “Quem são poetas que prefere a sua  
também?”

— Era muito Antonio Nebras, Cesário Verde e  
o sr. do Inimigo. Depois, quando já conhecia o  
frances, comecei a ler Baudelaire, Verlaine, Alfred  
de Musset, Lamartine, seguindo-se os simbolistas.

## nosso Poetas MARIO MARIANO...

Por EUSTORGIO WANDERLEY

com Mallarmé, Rimbaud e os parnasianos, tendo a  
frente J. M. Heredia.

— E dos nossos poetas?

— Desde muito criança lia Gonçalves Dias e  
Castro Alves. Chegando aqui ao Rio, já rapa-  
lho, comecei a admirar Alberto de Oliveira, meu  
mestre. Bixo de quem fui grande amigo e Gui-  
marães Passos que prefaciou meu primeiro livro  
de versos: “Visões de Mago”, publicado quando  
eu tinha 14 anos.

— Voltamos, porém, as suas reminiscências da  
infância. Saudades?

— Sim... Quantas saudades...

E evocando o passado, começou a dizer baixinho,  
ou melhor a cantar, em surdina, trechos do  
livro “Enamorado da Vida”, em que se refere  
ao “Poço da Panela”.

Num cenário bucólico e sombrio  
Onde avistava a margem e grande rio,  
A sombra de árvores ingazeiras,  
Bateis roupa, cantando, as lavadeiras.

Trago ainda nos olhos: é bem ela,  
A paisagem do “Poço da Panela”,  
A igreja, a Casa-Grande, as zameleiras,  
e, ao fundo, o pátio verde e as ribanceiras  
que abrigavam, num túbico arripado,  
o corpo adolescente e alvo do rio.



# A Infância dos nossos Poetas

## O MENINO OLEGARIO MARIANO...

Por EUSTORGIO WANDERLEY

“O H! Que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida...”

Assim disse Casemiro de Abreu relembrando essa quadra ditosa da existência “que os anos não trazem mais”.

Seria, portanto, curioso ouvir os nossos poetas sobre reminiscências de sua infância, sobre as saudades que eles têm do seu tempo de meninos.

Para começar procuramos — é claro — o “príncipe dos poetas brasileiros”, Olegario Mariano que, com a sua gentileza de sempre, nos acolheu.

Outra determinante teve essa escolha: foi o fato de havermos conhecido o poeta, quando menino, no bucolismo do “Poço da Panela”, aprazível arrabalde do Recife, onde ficava o velho solar da sua família, — vasto sobrado de azulejos, no largo da Igreja de N.ª S.ª da Saúde, perto do rio Capiberibe, que por ali passa, com seu “porto de canoas”, para ser “atravessado” por quem queria ir para “Dois Irmãos”.

Ali, no “Poço da Panela”, havia também dois irmãos: Olegario e Ióiô, sendo este o primogenito do casal dr. José Mariano-Dona Olegarina, o anjo protetor dos escravos.

Havia um contraste entre aqueles dois irmãos: o mais velho, Ióiô, era forte, moreno, brigão... Olegario, o mais moço, era delicado, claro, docil, de espírito contemplativo.

Enquanto Ióiô galopava nos enormes cavalos normandos parêlha do carro do dr. José Mariano, Olegario montava no seu manso carneirinho.

Durante as concorridas novenas de N.ª S.ª da Saúde, Ióiô ficava no pátio da igreja, divertindo-se no **tivoli** do Lira, nas barraquinhas de prendas, de tiro ao alvo, enquanto Olegario estava no interior do templo, ouvindo os cânticos sacros, em que sobressaiam as vozes de dona Matilde Ceruti, de dona Candinha Lira, do barítono Comoletti, etc.

Ouçamos, porém, suas próprias impressões. E' Olegario Mariano quem nos fala:

“As recordações da minha infância estão, em grande parte, no meu livro: “O enamorado da vida”. Lembro-me muito bem da minha primeira professora, uma bondosa senhora, dona Adelaide de Albuquerque Melo. Depois estudei com Miss Rawlison, irmã de um afamado cirurgião daquela época, com consultório na rua Nova, o dr. Rawlison.

Quando deixamos o “Poço da Panela” e viemos para o Recife, onde morámos num sobrado que fica na rua da Aurora, esquina da Riachuelo, meu pai matriculou-me no “Colégio Pestalozzi”, dirigido pelo velho educador dr. Raimundo Honório da Silva, pai do sr. dom Augusto Alvaro, Arcebispo Primaz do Brasil e inspirado poeta.

— Quais os poetas que preferia na sua infância?

— Lia muito Antonio Nobre, Cezario Verde e o velho Junqueiro. Depois, quando já conhecia o francês, comecei a ler Baudelaire, Verlaine, Alfred de Musset, Lamartine, seguindo-se os simbolistas,

com Mallarmé, Rolinat e os parnasianos, tendo à frente J. M. Herédia.

— E dos nossos poetas?

— Desde muito criança lia Gonçalves Dias e Castro Alves. Chegando aqui ao Rio, já rapazinho, comecei a admirar Alberto de Oliveira, meu mestre, Bilac, de quem fui grande amigo e Guimarães Passos que prefaciou meu primeiro livro de versos: “Visões de Moço”, publicado quando eu tinha 14 annos.

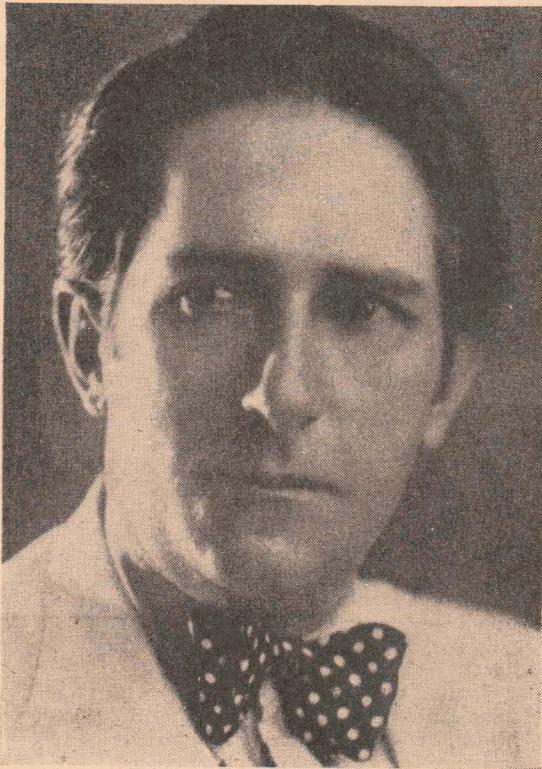
— Voltemos, porém, às suas reminiscências da infância. Saudades?

— Sim... Quantas saudades...

E evocando o passado, comecei a dizer baixinho, ou melhor: a cantar, em surdina, trechos do livro o “Enamorado da Vida”, em que se refere ao “Poço da Panela”:

“Num remanso bucólico e sombrio  
Onde atenúa a marcha o grande rio,  
A' sombra de recurvas ingazeiras,  
Batem roupa, cantando, as lavadeiras.

Trago ainda nos olhos: é bem ela,  
A paisagem do “Poço da Panela”:  
A igreja, a Casa-Grande, as gameleiras,  
e, ao fundo, o pátio verde e as ribanceiras  
que afagavam, num lúbrico arrepio,  
o corpo adolescente e alvo do rio.



OURO-VERDE

QUER VOLUME  
QUALQUER PARTE



A FLECHA DE OURO  
leva com  
RAPIDEZ E SEGURANÇA



ENCOMENDAS, bagagens,  
em pequena ou grande  
quantidade, tudo a Flecha de  
Ouro transporta com absoluta  
segurança, para qualquer par-  
te do mundo. Para isso muito con-  
serviço em articulação com as  
Companhias de Navegação,  
Aerovias e Companhias de Navegação,  
Aerovias. Organização perfeita, a  
Flecha de Ouro leva os seus volumes de do-  
cumento com rapidez e garantia  
de entrega tranqüillo, deixando as suas  
contas da Flecha de Ouro.

ORGANIZAÇÃO DE  
PORTES DO BRASIL

RIO DE JANEIRO  
Rua Mayrink Veiga, 4  
Tels.: 23-3886  
23-3887 - 28-5208

A DE DURO

TE VELOZ E SEGURO

Articulada com as  
linhas de commu-  
nicção marítimas,  
terrestres e areas  
de todo o mundo.

isd

MARCELO GAMA

Eu me lembro que fiquei doido de alegria:  
O Natal, para mim, nasceu naquele dia!  
Mas notei que o olhar de lobo carniceiro  
Como na fábula, envolvera o meu cordeiro.  
Depois, vieram as mil propostas de barganha:  
Eram selos; uns quatro ou cinco da Alemanha,  
Um pufo "ólho de boi" do Brasil, uma espada,  
Pombos, pássaros, tudo assim de cambulhada,  
Me pôz de pé atrás diante do capadócio.  
Reagi furiosamente e não fiz o negócio.  
Antes tivesse feito. O meu pobre carneiro  
Desde êsse dia (já findara o cativoiro)  
Deu para andar de canga, atrelado à carroça  
Que ia buscar capim, distante numa roça.  
Meu carneiro a puxar aquela traquitana  
Com o pescoço esmagava a canga deshumana.  
Nome não tinha mais. Depois, tão sujo assim,  
Não achava razão de se chamar "Jasmin".  
O teu andava ! tripa fôrra, gordo e lento,  
Rebolando na grama o seu contentamento.  
Ao pôr do sol, eu penetrava a estrebaria,  
Tirava a canga ao meu amigo que sofria,  
Dava-lhe de comer, enchendo as mãos de milho,  
Como quem mata a fome a um pobre maltrapilho.  
"Jasmin" me olhava com seus olhos resignados  
Como para dizer: "Somos dois desgraçados".

Já vês que a vida me ensinou muita verdade:  
Nada vale ser rude. A beleza é a humildade.  
São Francisco de Assis anda na alma das coisas,  
Numa folha que cái, na asa das mariposas,  
No vento que passou, na fonte que murmura.  
Tudo que é bom bebeu o leite da ternura.  
Hoje que vou descendo a colina, acurvado,

Posso jogar um beijo ao Presente e ao Passado,  
Porque Deus abençoou minha existência pobre,  
Dando-me o coração do meu pai, que foi nobre.  
Se parou de bater no engaste de seu peito,  
Continua a pulsar no meu, forte e perfeito.  
A ele devo o que sou — ramo do mesmo arbusto —  
E o orgulho de ser bom na glória de ser justo."

Não quizemos ouvir mais nada. O poeta havia  
descrito sua infância com um poder admirável de  
síntese e nos versos delicados que acabára de nos  
dizer baixinho, baixinho, como em surdina...

# MARCELO GAMA

**M**ARCELO Gama, que nasceu na cidade de Cachoeira em 1878 e morreu no Rio de Janeiro em 7 de março de 1915, pertencia a uma espécie de irregulares, de desorbitados: a dos poetas boêmios, espécie cada vez mais rara nas literaturas modernas, mesmo na francesa, que sempre foi fecunda em tal gênero de intelectuais, como, aliás, em todos os gêneros.

Os ímpetos da rebeldia, nesse poeta, não se limitavam, apenas, à vida mental, à sua vida de artista. A sua existência toda, como homem, foi sacudida por uma rajada de inquietante independência, de intransigente emancipação, sob o ponto de vista das chamadas preocupações burguesas.

Os seus versos, tão límpidos, onde se esboçam, não raro, comovidos pedaços de autobiografia, numa franquesa rude de confissão, os seus versos, na maioria, constituem um verdadeiro "J'accuse", contra a organização atual da sociedade e contra tudo quanto visa restringir a autonomia moral de todos nós.

.....  
"Via Sacra", publicada em 1902 e hoje em 2ª edição, encerra excelentes poesias, como esta, que é o pórtico do livro:

O caminho sagrado, êsse dos sonhadores  
que sobem, a cantar, a montanha das Dores,  
tendo os pés a sangrar e uma lira por cruz!

Caminho do Ideal, estrada que conduz  
a uma terra de amor e de dias risonhos,  
desde muito sonhada em mentirosos sonhos,  
e onde querem chegar, subindo as alcantis  
surdos à multidão eterna dos imbecis,  
Os Poetas, os Bons, os Visionários todos  
que acreditam no Sonho e na Quimera... Doudos!  
Jardineiros da Dôr, coveiros da Ilusão,  
que a regar e a enterrar já têm, no coração,  
um viçoso jardim, e n'alma um cemitério;  
malditos, para quem a Ventura é um mistério,  
porque quando supõem haver chegado o Enfim!  
Surge mais uma curva... o caminho é sem fim.

O soneto "Com o Sol", de um lirismo bizarro e original, é, também, uma formosa página:

Anda depressa, o' Sol, que estás parado!  
Que fazes tú aí, Sol, imprudente?  
Este maldito Sol, ultimamente,  
tem-se tornado o meu maior cuidado!

Essa que eu amo, mora num sobrado  
e o Sol, que a quer também, pára-se em frente;  
e até que Sol se canse e, enfim, se ausente,  
a janela é deserta, e eu, desolado.

— Sol, vai-te embora! E quando o Sol vai indo,  
e Ela aparece, eu desespero, e grito  
por ver a noite, que já vem caindo:  
Sol, pára um pouco!... e o Sol, sem me escutar,  
se esconde, enquanto eu lhe suplico aflito:  
Sol! por favor, o' Sol, vai devagar!

A longa poesia "A Uma Velhinha" é, porém, a mais bela do volume. Difícilmente poderão ser interpretados com maior subtileza de observação e de emoção, o vago anseio e as perturbações reveladoras, que, vindos de improviso, invadem as mulheres, nessa fase curiosa em que elas ainda não são moças e, entretanto, já não são meninas.

## De JOÃO PINTO DA SILVA (Especialmente para OURO-VERDE)

Os que lhe frequentam a casa, no Rio, afirmam ter deixado Marcelo Gama um volume de "Poemas", que ia ser editado na Alemanha, e do qual conheço unicamente as páginas sob o título "Mulheres", estampadas na imprensa, ainda em vida do autor, e não incluída na 2ª edição, póstuma da "Via Sacra".

E' nessa longa composição que, sem dúvida, mais tipicamente se reflete a maneira bizarra, entre irônica e sentimental, do poeta.

Pela simples razão de eu ser viril e poeta  
que celebra, encantado, eternas bodas,  
olho as mulheres todas  
com o mais impertinente interesse de esteta

Por isso, às três da tarde, e às vezes antes  
desconhecido entre desconhecidos,  
levo para a Avenida uns ares importantes  
e afinado o quinteto dos sentidos.

Fico-me unicamente para vê-las  
no florir do seu viço,  
para senti-las, para analisá-las  
do autêntico ao postiço,  
umas — soberbas, fúlgidas estrelas  
outras — de um palor languido de opalas.

E enrodilhando-as em olhares ledos  
o que se passa em mim pode ser comparado  
àquele "querer tudo" alvoroçado  
das crianças nas lojas de brinquedos...

# Tempo que se foi...

As vozes longinhas e amáveis e puras da minha terra  
Me vêm aos ouvidos cantando cantigas para me embalar.  
E a minha saudade, nas brumas do tempo, paisagens descerra:  
Coqueiros esveltos, igrejas sonoras, jangadas no mar.

Na praia de Olinda que sol milagroso! Que areia morena!  
E a praia coberta de peixes dourados que a rede pescou!  
E as notas festivas do sino do Carmo, chamando á novena,  
Os sinos de Olinda! Plangencia tão triste jámais se escutou!

E as ruas antigas do velho Recife desfilam por mim:  
Os negros cantavam levando um piano nos hombros possantes  
E as vozes dos negros, em lenta cadencia, diziam assim:

"Ai, uê, vira moenda,  
Ai, uê, moenda virou.  
Eu estava em Beberibe  
Quando a noticia chegou:  
Mataram Zé Marianno,  
O commercio se fechou.  
Mas a noticia era farsa  
Graças a Nosso Senhor.  
Ai, uê, vira moenda,  
Ai, uê, moenda virou."

Depois, o collegio. As cantigas em pleno recreio:  
"Pestalozzi traçou o caminho..." Bem sei que traçou  
O suave caminho que a n.ª parecia tão rude e tão feio...  
Mas quanta harmonia, mas quanta belleza o caminho ensinou!

Meu mestre querido, de barbas enormes. Eu bem o recordo:  
Mão firme brandindo a varinha de canna á maneira de lança:  
Dormi bem trinta annos e agora, homem feito que acordo,  
A sua figura de apostolo cresce na minha lembrança.

As férias na Usina. Tio Juca, lá em baixo, de calça de lista,  
Comprando cavallos, de botas compridas, rebenque na mão.  
— "Defeito o cavallo não tem, se tivê, Curunê, tá na vista..."  
Tio Juca comprou o cavallo. Era cego. — "Se eu pégo o ladrão..."

Porteira do Engenho gemendo nos gonzos. O banho no rio.  
Chocalhos fininhos de cabra, mugidos dolentes de boi.  
No pateo, de noite, as violas chorando no "desafio"  
Ou o grave silencio dos campos e os sapos: "ai, foi, não foi."

Cedindo correr a planura da varzea deserta e orvalhada  
Armar a arapuca, passar todo o dia com os olhos no chão:  
Voltar á boquinha da noite... Que fome damnada  
Trazendo um punhado de passaros presos num grande alçapão.

Fazer a caçada de paca. Pegar da espingarda  
Bater com a negrada pra longe, tres leguas, pelo mattagal.  
Ficar na toucaia. — "Cuidado que a bicha não tarda!"  
Cachôrrros paqueiros no fundo da gróta, nos dando signal.

E a paca saltando da gróta passar na corrida...  
O tiro que eu dera com o braço tremendo nem mesmo a espantou.  
Adeante outro tiro cantou nas quebradas e a pobre sem vida  
Nas aguas tranquilladas do açude, por entre os cachôrrros, rolou...

Ou vêr, levantando a poeirada da rua da Freira,  
Os cavallos de Chico Gomes em Caruarú...  
A vaquejada. O "Rompe Nuvem" na carreira,  
Coberto de arreios vistosos e novos de couro crú.

Lá vem o garrote, com os olhos em braza, na furia endiabrada,  
E atrás o vaqueiro, vestido de couro... Que lindo gibão!  
De subito um bólo de poeira e não se vê mais nada...  
E tomba o garrote e o vaqueiro por cima do bicho no chão...

Depois, rapazóla na rua da "Aurora" Que gozo eu sentia!  
Já fui proprietário (Ninguém acredita, sem duvida, eu sei)  
Da mais abastada barraca de fogos da freguezia...  
Vendia "limalhas", balões e rodinhas. Mas nada guardei.

Soava o clarim do 14. Já vinha tocando, insolente,  
O "Sal e Pimenta" — um "dobrado" vibrante de notas marcíaes.  
E quando passava o 14, eu corria na frente,  
Gingando no orgulho de ser um moleque feliz entre os maís.

Ou tarde da noite, fugir sem que em casa ninguém despertasse,  
Juntar o meu grupo. Que amigos peraltas em torno de mim!  
Tomar o tremzinho rheumatico, em segunda classe,  
P'ra vêr Herotides dansar de "pastora" em Parnameirim.

Ou ir alagado, pingando em goteiras, de roupa encharcada,  
Sentindo o aguaceiro das noites incríveis de tempo máo,  
Comer "munguzá", ou "cangica", ou "tapioca molhada",  
(Quem ha que se esqueça?) Na feita nocturna do "Bacuráo".

O' vozes longinquoas e amaveis e puras da minha terra!  
Cantae-me de novo aos ouvidos que a vós devo tudo o que sou!  
Fazei desfilar através dos meus olhos cansados  
As sombras errantes do velho Recife dos dias passados...

"Ai, uê, vira moenda,  
Ai, uê, moenda virou..."

OLEGARIO MARIANNO

## Poema do Ferro

(Ao Amelia)

Eu sonhei estes versos barbaros  
Ao rude rythmo  
Das fortes machinas,  
Escutando os rugidos asperos,  
Os silvos longos  
Dos motores rapidos.

Entendi o vibrar dos dynamos  
Mudando em força  
As correntes placidas.  
Ouvi malhos, num fragor titanico  
Ferindo o ferro  
De sangue rubido.

Inspirei-me na visão esplendida  
Dos altos fornos  
Animaes metallicos  
Que lançam fogo pelas bocas flammeas  
E se alimentam  
De minerio rigido.

Foi aqui, entre as forças magicas  
Que o homem ergue  
Da materia examine,  
Foi aqui, nesta escola rustica  
Em que o trabalho  
Prende o corpo e o espirito.

Que eu revi minha infancia ingenua,  
Aquella vida  
De belleza immacula,  
Que corria sob o influxo masculino  
De forte exemplo  
De um obreiro energico.

Desde então eu amei as machinas,  
Os rudes rythmos  
Dos motores rapidos.  
E revendo esta luta intermina,  
Senti nos nervos  
Estes versos barbaros.

## O Albatroz

Por sobre a immensidão das aguas em revolta,  
Debaixo dos bulções das nuvens de tormenta,  
Relampago sombrio, o albatroz vem e volta,  
Qual avisando ao mar tempestade violenta.

Asas largas estende; e ora as ondas ríçando,  
Ora, certa flecha, erguendo-se na altura,  
Solta o grito de guerra, os ares acordando  
Para a luta feroz que elle almeja e procura.

Da colera a potencia, a flamma do enthusiasmo,  
Da victoria a certeza e o orgulho da victoria,  
Vibram naquelle grito, em que as nuvens, com pasmo,  
Vêm, altivo, o albatroz ter das lutas a gloria.

Geme ao furor do vento a gaivota medrosa,  
Que em desespero vò a flor dos vagalhões.  
Quem lhe dera esconder, sob a vaga alterosa,  
Todo o ansioso temor dos rijos furacões?

Quítras aves do mar, tiritando de medo,  
Deante da convulsão das vagas e dos ventos,  
Procuram se abrigar em fendas de rochedo,  
Fugindo dessa forma aos brutos elementos.

Só, resistindo sempre, o negro mensageiro  
Dos tufões, o albatroz, relampago sombrio,  
Paira no espaço, altivo, ousado, sobranceiro,  
Acima do lençol de espumas, alvadio.

Escuras em bulções as nuvens vão descendo  
Sobre as vagas, e o mar, subindo, num rugido,

Vae adeante do raio, enquanto, rouco e horrendo,  
Nos céos corre o trovão, num medonho mugido.

Ondas fervem, subindo, e chocam-se com o vento.  
Uma lufada forte, em colera altaneira,  
Os vagalhões levanta, e deixa-os, num momento,  
As rochas polvilhar de esmeraldina poeira.

E em meio á tempestade, estrugindo feroz  
O seu grito de guerra, ora as nuvens furando,  
Ora ríçando o mar, continúa o albatroz,  
Démonio, a um tempo só, rindo e desesperando.

Attento, elle começa a notar que se cansa  
O trovão de rugir; das nuvens esgotadas  
Não mais, espaço em fóra, o torvo bando avança;  
E em breve ficarão as aguas serenadas.

Ainda muge o vento e fuzilam ainda  
Azulados clarões sobre o abysmo do mar.  
Mas a tormenta passa e, pouco a pouco, finda  
Das vagas e do vento a batalha sem par.

Extinguem-se no oceano os raios flammejantes,  
Que em flavas linhas de ouro esplendem no infinito.  
No mar andam clarões, serpentes coruscantes,  
E entre os mares e os céos ainda estruge um grito:

— Que volte, em furia brava accesa, a tempestade!  
E torne o juracão, mais rijo e mais feroz!  
Propheta dos tufões, á salsa immensidade  
E á immensidade etherea, apostropha o albatroz.

Maximo Gorki (trad. de Carlos Sá)

(Paul de Cesari)

Nascemos um para o outro dessa  
De que são feitas as criaturas  
Tens legendas pagãs nas car-  
E eu tenho a alma dos faunos

A's belezas heroicas te comparas  
E em mim a luz olimpica cintila;  
Gritam em nós todas as nobres  
Daquela Grecia espiendida e

E' tanta a gloria que nos enca-  
Em nosso amor de seleção pro-  
Que ouço de longe o oraculo de

Se um dia eu fosse teu e fosses

O nosso amor conceberia um  
E de teu ventre nasceriam deu-

## A TROPA

Lá vai a tropa em linha, a passos, em fi-  
Tendo na dianteira a classica madrinha,  
Com fitas, campainha e guizos em fiação;  
Por ser velha e matreira, á frente vai

Com ares de rainha. Os burros da tra-  
Levam queijo, peneira, aguardente e fa-  
O tropeiro caminha envolto na poeira,  
Indo fazer a feira á cidade vizinha.

Fuma de vez em quando um cigarro de  
Ora grita, ora ralhã, ora segue cantando,  
Ufano do commando, e bate na cangalha.

Num burrico piquira, atraz, meio cambaio,  
Garboso papagaio alegre tange a lyra:  
Palra, assobia e gira em cima de um

FLAUSINO L. VALLE

Bello Horizonte

## O cordeirinho branco

Especial para o DIARIO DE NOTICIAS

O cordeirinho branco era alegre, travesso, gentil.  
Olhos negros, grandes, tristonhos.

O cordeirinho branco saltava, pulava,  
cabriolava em brincos infantis.

Subito a enchente o surprehende na encosta do valle.  
Mão caridosa salvou-o.

Como os homens são bons, cordeirinho branco!

O sol já crestava a pelle da gente pampeana.  
Uma tesoura amiga cortou-lhe a clâmide branca, de lã.  
Sentiu-se feliz. Pulou, saltou, cabriolou em brincos infantis.

Como os homens são bons, cordeirinho branco!

O cordeirinho branco abriu muito os olhos  
para o homem que vinha com a faca na mão.  
"Que feio!" pensou o cordeirinho branco.  
E elle approximava-se mais... mais... e mais.

O pobrezinho sem um gemido, sem um suspiro,  
despediu-se da vida.  
Apenas duas lagrimas frias correram-lhe  
dos olhos tristes.

Como os homens são máos, cordeirinho branco!  
Como são crueis!

ALVARO DE ALENCASTRE